

TRAÇOS AUTOBIOGRÁFICOS DA TRAJETÓRIA DE INÁCIA SANTOS: NARRATIVAS DE PERSISTÊNCIA EM BUSCA DO SABER E AMOR PELA DOCÊNCIA

AUTOBIOGRAPHIC TRACES OF INÁCIA SANTOS'S TRAJECTORY: PERSISTENCE NARRATIVES IN SEARCH OF KNOWLEDGE AND LOVE FOR TEACHING

Isabela Cristina Santos de Morais 1
Grinaura Medeiros de Morais 2

Resumo: Com o objetivo de registrar a trajetória educacional da professora aposentada, Inácia Francisca dos Santos, este artigo constitui-se como contribuição à História da Educação, local e regional, bem como a educação do campo, uma vez que a professora entrevistada cresceu na zona rural e começou sua vida profissional exercendo a função de professora na zona rural. O conteúdo deste texto tem como fonte principal, a entrevista realizada com a professora Inácia Francisca dos Santos, que atuou no cenário educacional da cidade de São João do Sabugi, situada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, na Região do Seridó. Com o intuito de refletir sobre a trajetória docente, buscamos pela escrita deste texto, preservar e valorizar a memória sobre trajetórias de ensino, chegamos, então, a conclusão de que a formação de professores, bem como as trajetórias profissionais do cenário educacional, constituem-se enquanto fonte inesgotável de pesquisa e de significativa relevância para as pesquisas no contexto sócio-histórico e educacional.

Palavras-chave: História da Educação. Formação de Professores. Trajetória de Ensino.

Abstract: In order to record the educational trajectory of the retired teacher, Inácia Francisca dos Santos, this article constitutes a contribution to the History of Education, local and regional, as well as rural education, since the teacher interviewed, grew up in the rural area and started her professional life exercising the role of teacher in the rural area. The content of this text, has as main source, the interview with professor Inácia Francisca dos Santos, who worked in the educational scenario of the city of São João do Sabugi, located in the interior of the State of Rio Grande do Norte, in the Seridó Region. In order to reflect on the teaching trajectory, we sought to write this text, preserve and enhance the memory on teaching trajectories, we then came to the conclusion that the formation of teachers, as well as the professional trajectories of the educational scenario, constitute themselves as an inexhaustible source of research and of significant relevance for research in the socio-historical and educational context.

Keywords: History of Education. Teacher Training. Teaching Trajectory.

Mestra em Educação e Doutoranda em Educação pela Universidade
Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3174988973584084>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7481-4520>.
E-mail: isabelacristinasm@gmail.com 1

Mestra e Doutora em Educação pela UFRN. Professora Associada
III da UFRN, Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2113435776155178>. ORCID: <https://orcid.org/0000000307696146>.
E-mail: grinauraufrn@yahoo.com.br 2

Introdução

O presente artigo tem como objeto de estudo a entrevista realizada com a professora aposentada Inácia Francisca dos Santos e sua narrativa de educação e ensino. O que nos impulsionou à escrita das suas narrativas de trajetória da sua profissão foram a singularidade irredutível e individual dos seus relatos sobre a alfabetização, os percursos até a casa da professora rememorados em léguas de caminhadas pelos caminhos áridos ou marcados pelas enchentes do sertão, a sua incansável luta pela vida às voltas com e pela busca de uma certificação que lhes possibilitaria a propositura de uma nova identidade: professora.

A importância da escrita deste artigo não se restringe ao fato puro e simples de narrar a vida de uma pessoa como se estivéssemos a fazer uma descrição da sua vida descolada do contexto mais amplo em que a mesma viveu: as influências do meio, as condições socioeconômicas, a cultura familiar, a filiação religiosa e política e outras nuances da vida que acabam sendo determinantes na conformação do percurso individual ou coletivo dos sujeitos. Retomando o pensamento de Moraes (2004), quando da apresentação da sua tese de doutorado discutia a ideia de que quando estudamos a trajetória de vida de uma pessoa, estamos estudando o seu tempo, o possível e o impossível, o que lhes era permitido e acessível.

A narração da trajetória de vida mobiliza uma operação intelectual descritiva-explicativo-memorialista, do detalhamento da vida e da visão de mundo que uma pessoa organiza ao articular um raciocínio que permite ver o arranjo interno das coisas, dando sentido ao detalhe do vivido. Através da narratividade, fez-se a descrição dos objetos escolares (materiais e imateriais) que estão a serviço das gerações, impregnados do constructo social dos homens ao fazerem o uso adequado do tempo e das coisas, o inventário dos espaços físicos da escola, dos equipamentos que estão à sua disposição (MORAIS, 2004, p.11).

Os trabalhos acadêmicos acerca da trajetória da docência dos professores tem um grande valor nas pesquisas sociais e educacionais excepcionalmente porque aprofundam a discussão sobre a história da profissão professor, realçando o foco da escolha da profissão e a riqueza de experiência de vida que está por trás de cada um dos profissionais que se ocupam do “*métier*”¹ da profissão que se caracteriza por ser secular e de suma importância na constituição e existência de todas as sociedades.

Inácia Francisca dos Santos, natural da cidade de São João do Sabugi, possui formação do curso Logos II, Magistério pela Escola Normal, tornando-se posteriormente bacharel e licenciada no curso de História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – CERES (Centro de Ensino Superior do Seridó) – Caicó/RN. Atualmente encontra-se aposentada de seu ofício enquanto professora da rede estadual de ensino, porém não abandonou a docência e permanece trabalhando com crianças, realizando trabalho voluntário na paróquia de São João Batista como catequista, além de já ter também colaborado com o grupo de Escoteiros 99º RN São João do Príncipe.

Para realizar esta pesquisa, consideramos como fonte o relato da Professora Inácia Francisca dos Santos, tendo como aparato teórico metodológico a História Oral, a partir do texto de Verena Alberti (1996). De acordo com o posicionamento de Alberti (1996, p.8),

a história oral permite não apenas compreender como o passado é concebido pelas memórias, mas principalmente como essas memórias se constituíram. A posição de Robert Frank é, nesse sentido, uma das possibilidades de se compreender que a memória é também fato, possível

1 Do Francês *Métier*, significa: Profissão.

de ser objetivamente estudada. E tomar a memória como fato permite entender como determinadas concepções do passado se tornaram coisas, sem o que as explicações do presente permanecem insuficientes.

Realizamos o convite à professora Inácia, para dividir conosco suas memórias a partir de entrevista, que estruturamos da seguinte forma: Elaboramos uma pergunta inicial e geradora que consiste em: Poderia nos relatar sua trajetória educativa e sua prática em sala de aula? Após essa pergunta inicial, recebemos o relato escrito da professora e a partir do primeiro relato enviado por ela, elaboramos mais perguntas, que deixamos também registradas no texto.

Concordamos com Alberti (1996, p. 1) ao afirmar que “o sucesso da história oral dizia respeito a toda uma postura que privilegiava a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”. Ressaltamos ainda a reflexão de Alberti sobre a entrevista sob a perspectiva da metodologia da História Oral. De acordo com Alberti (1996, p.3),

Ora, do mesmo modo que uma autobiografia, podemos dizer que uma entrevista de história oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações implicadas na própria entrevista. Com uma diferença, é claro: enquanto na autobiografia há apenas um autor, na entrevista de história oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Assim, mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico – sobre ações passadas.

Dedicamo-nos ao processo narrativo da História de Inácia e sua trajetória, buscando compreender a partir de seus relatos como se deu o processo de aprendizado e também de ensino vivenciado por ela, desde os anos 60 até a sua aposentadoria em 2013. Filha de trabalhadores rurais, Inácia foi educada e cresceu em um ambiente onde não se tinha fácil acesso à escola. Porém, em contrapartida, ela vivenciou diversos processos educativos, propiciados por ações governamentais, que desde algum tempo são objetos de estudos presentes em dissertações e teses acadêmicas, como por exemplo: as escolas radiofônicas, o LOGOS II, além de ter também sido aluna da Escola Normal de Santa Luzia, no Estado da Paraíba.

Memórias da Infância: o início do processo educativo de Inácia

Tendo em vista o embasamento teórico-metodológico, iniciamos o processo da entrevista, solicitando à professora Inácia que nos relatasse suas memórias de ensino, desde a alfabetização até chegar à docência. O primeiro relato escrito de Inácia foi enviado e transcrito no dia 09/01/2020. Ela inicia seus registros afirmando:

Nasci na década de 50, no ano de 1956, em uma comunidade denominada Cacimba da Ilha, no município da nossa pequena e bela, São João do Sabugi. E foi na Zona rural que vivi minha infância e toda minha adolescência, pois só passei a residir em nossa cidade aos 28 anos.

Figura 1. Registro da infância de Inácia Francisca dos Santos por volta dos anos 60.



Fonte: Acervo pessoal de Inácia.

A imagem retrata a menina Inácia, em sua residência no território rural denominado “Cacimba da Ilha”. O registro fotográfico traz a pequenina de pés descalços, acomodada no típico banco de madeira presente nas residências, conhecido como “tamburete”, cuidadosamente arrumada com seu vestido e laço de fita na cabeça.

Percebemos no relato da entrevistada a familiaridade e o sentimento de pertencimento ao lugar. Ela apresenta sua cidade de origem e as localidades da zona rural onde morou com carinho. Utiliza também a expressão adjetivando-a “nossa pequena e bela São João”, pois a entrevistadora, também pertence ao mesmo lugar, possibilitando a ela ainda maior conforto e liberdade para prosseguir com sua narrativa:

Ao completar a idade escolar, como não tinha escola na nossa comunidade e nem próximo, fui alfabetizada por minha mãe. Na sua simplicidade, ela me ensinou não somente a ler, mas a gostar de ler. Lembro-me da famosa Carta de Abc e da minha primeira Cartilha comprada por meu pai, cujo título era: Cartilha do Povo. Só não lembro o nome do autor.

Perguntamos então a Inácia se ela lembrava quantos anos tinha quando foi alfabetizada e ela afirmou que “Segundo minha mãe, logo que começou a me ensinar as primeiras letras, percebia que o meu ritmo de aprendizagem era rápido. Aos sete anos já lia frases e pequenos textos e ganhei a minha cartilha do meu pai.”

Após a menção da primeira cartilha que ganhou de presente, decidimos buscar a imagem, com a perspectiva de reavivar ainda mais o processo de memória da entrevistada, que de imediato identificou a cartilha representada na Imagem 2, como sendo aquela que outrora seu pai havia lhe presenteado, e que sua mãe havia utilizado em seu processo de alfabetização no lar.

Figura 2. Cartilha do Povo – Lourenço Filho, versão de 1939.



Fonte: Google, Site Anos Dourados. Disponível em <<http://www.anosdourados.blog.br/2012/02/imagens-escola-livro-escolar-cartilha.html>> Acesso no dia 16/01/2020.

Durante a procura pela capa da cartilha, encontramos essa versão de 1939, e, também uma imagem da edição de 1966, que inicialmente pensamos ser a que Inácia ganhou, considerando que ela nasceu na década de 50. Mas, ao mostrarmos para Inácia, ela reconheceu de pronto a imagem da primeira edição como sendo a que ganhou de seu pai para estudar. A entrevistada não lembrava o nome do autor, mas foi alfabetizada com o auxílio da cartilha escrita por Lourenço Filho.

Anos depois, meus pais me matricularam numa escola fundada numa comunidade vizinha, Riacho da Roça, com uma distância de quatro quilômetros, para onde me deslocava a cavalo e na maioria das vezes a pé, juntamente com meus dois irmãos e outras crianças. Lá fiz da 2ª até a 4ª série. Nunca parei diante dos obstáculos e queria muito dar continuidade a meus estudos. E no período de 25 de setembro de 1972 a 23 de novembro de 1973, cursei o 5º ano primário, através de um curso radiofônico transmitido pela emissora rural de Caicó, ministrado por uma equipe do Movimento de Educação de Base – MEB.

As memórias de Inácia nos apresentam a realidade vivenciada por diversas crianças que nos anos 1970, precisavam enfrentar intempéries tais como: chuvas intensas na época do inverno, caminhadas ao sol forte, além de encontros surpreendentes com animais como cobras, além da distância, ainda havia fenômenos da natureza, tais como: as cheias de açudes que dificultavam o trajeto necessário para se chegar a escola.

Parte da Educação Primária de Inácia foi realizada à distância, a partir do programa de Governo tão conhecido e estudado nas aulas de História da Educação dos cursos de Pedagogia: Movimento de Educação de Base e o curso radiofônico. A partir do relato da entrevista, buscamos o registro fotográfico do rádio onde ela ouvia as aulas do curso radiofônico, representada na Imagem 3.

Figura 3. ABC Rádio - ABC Transbrasil III modelo 6847 APL, já utilizando o slogan “A voz de ouro”.



Fonte: Google, site, Coisas antigas. Disponível em: <<http://antigas49.rssing.com/channel-50342473/latest.php>> Acesso no dia 16/01/2020.

Após buscar por imagens do Rádio de acordo com a descrição feita por Inácia, nos deparamos com alguns modelos da marca ABC que ela descrevia. Encaminhamos então as imagens para que ela pudesse identificar qual modelo específico ela utilizou para estudar, ouvindo as aulas do curso radiofônico. Ao visualizar o modelo da imagem 3 ela afirmou: “Era esse modelo aqui, Belinha², igualzinho sem faltar nada!”. Ver a imagem do rádio despertou a lembrança da entrevistada, que relatou: “A carteira onde colocava os cadernos era um caçua que eu acho que você não sabe nem direito o que é”. Inácia ainda relatou:

E quando as pilhas ficavam fracas? Seu avô tinha que vir na rua comprar para que eu não tivesse nenhum problema para assistir a aula né? Porque faltar energia não ia porque era a luz do candieiro. A não ser que faltasse energia em Caicó, porque aí o programa não ia ao ar. A avaliação final foi feita em Caicó e obtive um excelente resultado.

O curso radiofônico foi considerado pela entrevistada como uma boa experiência de aprendizagem, incluindo as peculiaridades da mesa de estudos representada pelo caçua, à luz do candieiro a iluminar o ambiente e a importância das pilhas em caso de faltar energia. Pedimos ainda que se possível ela pudesse relatar como foi sua experiência enquanto aluna do curso radiofônico

Foi uma experiência desafiadora. Acompanhar as aulas pelo rádio de segunda a sexta feira. Não dispunha de lâmpada a gás e a iluminação era de um candieiro de dois bicos. Lembro que minha mãe ficava atenta a meus irmãos para não fazer barulho para não atrapalhar. Tinha outra menina na mesma localidade que também era aluna, mas só durante o dia é que ela vinha na minha casa ou eu ia até lá, para estudarmos juntas. A equipe era muito atenciosa e quando tínhamos maiores dúvidas, comparecíamos a sede do MEB em Caicó, onde éramos bem recebidas e tínhamos o acompanhamento necessário, por ótimos profissionais.

² Belinha é o diminutivo do nome Isabela Cristina que assina a autoria deste artigo. De meu nome: Isabela. Apelido carinhoso que Inácia utiliza para dirigir-se a mesma.

Ao final os resultados satisfatórios na avaliação tornaram a experiência ainda mais gratificante para a então aluna do curso radiofônico. Interessante perceber também a participação da equipe de profissionais do MEB para esclarecer os alunos do curso radiofônico sobre suas dúvidas.

Primeiros passos da jovem Professora

Inácia passou a lecionar ainda antes dos 18 anos, na alfabetização de Jovens e Adultos na Zona Rural. Ela foi professora do então programa do Governo, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Alfabetizada na Zona Rural, inicialmente aos cuidados de sua mãe e depois no curso radiofônico, agora a jovem iniciava o seu processo de ensino. Inácia assim relata sobre esse período:

Aos 17 anos, dava início a minha trajetória em sala de aula, na alfabetização de adultos, o antigo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Algum tempo depois, a pedido dos pais da comunidade, passei a alfabetizar as crianças, que enfrentavam ainda as mesmas dificuldades que eu havia enfrentado. Ou seja, a falta de uma escola para aprender as primeiras letras. Devido a tudo isso, meu pai com o apoio de outros da nossa comunidade, entraram em contato com o prefeito, na época Dario de Araújo Gorgônio, reivindicando a fundação de uma escola e mais, indicava meu nome para ser a professora. O senhor prefeito demonstrou interesse e pediu que fosse feita a relação do número de crianças, enquanto que eu tinha que comparecer a Secretaria de Educação do município, para me submeter a um teste de capacitação, através do qual fui considerada apta a lecionar na referida escola. Veja que bela coincidência: eu, a menina que antes caminhara quilômetros para cursar as séries iniciais e fizera o quinto ano primário por meio de um curso radiofônico, agora me era dado por Deus, o privilégio de lecionar para todas aquelas crianças com muito amor e dedicação, sempre buscando um melhor aprimoramento em sala de aula, buscando por meio de todas as fontes possíveis para colocar em prática uma metodologia que levasse meus alunos a obter um melhor aprendizado. Apesar da minha pouca experiência, eu já percebia que se meus alunos estavam aprendendo, a metodologia estava certa, do contrário teria que buscar outras formas, novas ferramentas de aprendizagem.

Além de alfabetizar adultos, agora Inácia também iria trabalhar com crianças, através da solicitação da própria comunidade que não apenas requisitava a escola, mas indicava seu nome para ser a professora. O teste realizado na Secretaria de Educação foi então a primeira avaliação oficial para constatar a capacidade de Inácia para assumir a função de professora em sua comunidade.

Questionamos então se após a reivindicação feita pelos pais, passou a ter escola na zona rural e se foi construído prédio próprio, solicitando a entrevistada que me contasse as memórias desse período. De acordo com a narrativa de Inácia

A reivindicação foi feita no início do ano e ao começar o ano letivo, a escola entrava em funcionamento. Não tinha prédio próprio. Tenho tantas lembranças... Ver a alegria daquelas crianças chegando com bochechinhas rosadas pelo calor do sol, mas com carinhas felizes e que só faltavam as aulas por motivo justo. Era tão bonito ver pais que só sabiam assinar

o nome, com tanto interesse e acompanhando atentamente o dia a dia do seu filho em sala de aula. Muitas vezes vinham à noite, na minha casa saber como seu filho estava se comportando e principalmente se prestava atenção na aula, diferente de hoje. Por isso que tão jovem conseguia ser tão respeitada por meus alunos, pois tinha apoio total por parte dos pais.

Questionamos também sobre o local onde funcionava a escola e se para exercer sua atividade docente após realizar o teste de aptidão ela recebeu da secretaria de educação da cidade, algum certificado, bem como suas memórias sobre o teste.

O funcionamento era na sala da minha casa, com as crianças sentadas em volta de uma mesa grande, com bancos de madeira para sentar. O horário dividido com uma hora de aula para cada turma, ou seja, de 1ª a 4ª série, visto que, naquela época não tinha 5º ano na Zona Rural. Quase todo dia, passava do horário porque o tempo não era suficiente. Fazia isso por amor ao meu trabalho e por um melhor aprendizado para meus alunos. Quanto ao teste de capacitação, não recebi certificado, apenas a aprovação da Secretária Municipal de Educação, na época, Joana D'arc Pereira de Araújo. Constava de leitura e interpretação de texto, parte gramatical e uma produção de texto. Também tinha questões de matemática. Foi aí que percebi o quanto o meu quinto ano radiofônico, tinha valido a pena. A Secretária me parabenizou e fiquei muito lisonjeada.

O desempenho no teste e na prática em sala de aula estimulou a entrevistada a seguir em frente à procura de qualificar-se como professora e avançar nos estudos, como podemos ver em seu relato:

Continuava na esperança de poder dar continuidade aos meus estudos e a cada dia me sentia mais feliz e realizada com meu trabalho em sala de aula, principalmente o convívio diário com aquelas crianças. E qual não foi a minha surpresa ao tomar conhecimento, que juntamente com outros professores do município, íamos ter a chance de fazer o ensino médio à distância, através do LOGOS II. Fomos contemplados com um material de ótima qualidade e as didáticas correspondentes a cada disciplina, uma verdadeira riqueza metodológica.

Inácia concluiu o curso do LOGOS II e enquanto estudava, permanecia também lecionando na Zona Rural, podendo assim utilizar o material didático fornecido pelo curso para incrementar as suas aulas. Por diversas vezes remetia-se a qualidade desse material, que ela guardou durante muitos anos. Na imagem 4, podemos observar o registro fotográfico da formatura da jovem professora no curso LOGOS II.

Figura 4. Inácia na formatura do Logos II



Fonte: Imagem cedida por Inácia.

A fotografia revela um olhar para além do produto de um clic fotográfico. Ela revela muito mais, o conjunto de sentidos imbuídos na sua tiragem e o súbito e repentino clic envolto num ritual de comemoração: por trás da fotografia há uma história entrelaçada de idas e vindas, vitórias e fracassos, lutas que pauseiam com a realização de um sonho para logo em seguida se começarem novas lutas. Aí está à postura do ofício retratada no olhar, no conjunto de uma compostura comprometida com o ofício, a indumentária falante, o capelo magistral a lhes imputar uma nova identidade. Neste sentido, concordamos com Dantas (s/d. p.1) ao afirmar que “Olhar fotografias se constitui numa estratégia capaz de por em relevo reservas éticas e estéticas da vida, da memória e do cotidiano, de forma a prover e alimentar princípios educacionais mais complexos e de natureza transdisciplinar”.

Solicitamos que Inácia falasse um pouco mais sobre suas memórias durante o curso e o aprendizado proporcionado pela experiência como aluna do LOGOS II

Como já mencionei, o material era riquíssimo não só pelos conteúdos disciplinares, mas também pelas didáticas, com excelentes sugestões de atividades e orientações para ministrar cada matéria escolar. Aprendi bastante, passando a inovar e melhorar cada vez mais a minha prática em sala de aula. E ainda participávamos de um encontro pedagógico, uma vez por mês, na sede do Logos em Caicó. A pauta do encontro era bem diversificada e durava o dia todo. Sob o acompanhamento da orientadora, com a participação de cursistas de várias cidades, onde a troca de experiência a respeito da atuação em sala de aula era uma maravilha.

Além do aprendizado nos encontros pedagógicos e da troca de experiências entre as cursistas, o material do Logos auxiliava na metodologia de ensino da professora Inácia em sala.

O município enviava para as escolas, alguns livros para nos auxiliar no nosso trabalho didático. Os professores da Zona Rural participavam do planejamento anual e bimestral, juntamente com os professores da rede estadual de ensino da nossa cidade. Depois que passei a ser cursista do LOGOS, minha principal ferramenta de ensino, visando um resultado de aprendizagem satisfatório, eram as didáticas correspondentes a cada disciplina. Claro que consultava também outras fontes.

Perguntamos então se ela lembrava quais leituras a auxiliavam na escolha da metodologia em sala de aula, uma vez que citou que além do material do Logos utilizava outros recursos de pesquisa.

Usava vários livros, mas não lembro assim o nome, o autor, faz muito tempo, mas eu estava sempre buscando novas fontes, as vezes eu pegava atividades principalmente quando eu me encontrava assim com professores da zona urbana da rede estadual de ensino, que tinham muitas sugestões de atividades eu pegava, eu procurava sempre atividades que enriquecessem o meu trabalho com as crianças.

No período em que trabalhou na Zona rural, a escola funcionava sempre na residência da professora, no caso, as aulas de Inácia aconteciam na sala de sua casa, como ela mesma afirmou que as aulas eram “Sempre na residência”. Os dez primeiros anos de sua docência foram, portanto na Zona Rural, em mais de uma localidade como ela mesma afirma.

Lecionei em duas comunidades. Na fazenda Sacramento e na localidade João Pinto, por um período de dez anos. Na época da minha atuação não tinha sede própria. Quando foram construídas, eu não residia mais na Zona Rural.

Após anos residindo e lecionando na Zona Rural, Inácia se muda passando então a residir na zona urbana da cidade de São João do Sabugi, já casada e mãe de um filho pequeno. Agora em novo endereço, ela passou a trabalhar na escola municipal da cidade, que leva em homenagem o nome do primeiro e mais marcante educador que lecionou em São João do Sabugi: Padre Joaquim Félix.

Durante muitos anos, trabalhei na Zona rural. Na década de 80 passei a residir em nossa cidade, passando a fazer parte do quadro de professores da Escola Municipal Pe. Joaquim Félix. Juntamente com outros colegas professores, naquela época, cursei o 4º magistério, na Escola Normal de Santa Luzia, no vizinho Estado da Paraíba.

Representada na Imagem abaixo, vemos o registro fotográfico de Inácia em sala de aula, na Escola Municipal Padre Joaquim Félix, em festividades com sua turma de alunos.

Figura 5. A professora Inácia e sua turma em festividades na sala de aula anos 80



Fonte: Acervo Pessoal de Inácia.

Prosseguindo com sua formação, agora Inácia cursava o magistério, conciliando seu trabalho com o deslocamento para outro Estado, para estudar na Escola Normal de Santa Luzia. Um período marcante em sua carreira, perguntamos então se ela poderia me falar mais sobre suas memórias durante seu período como aluna da Escola Normal em Santa Luzia, ao que ela me respondeu

A Escola Normal pertencia à rede particular de ensino da cidade de Santa Luzia na Paraíba. Era equivalente a uma licenciatura curta e tinha excelentes professores. A direção da escola era atuante, tendo como diretora Madre Palmeira e vice-diretora, a irmã Terezinha. Além do aprendizado, tive a oportunidade de estudar em colégio de freira e usar farda com saia plissada.

Dirigida por Freiras católicas a Escola Normal de Santa Luzia, possuía boa reputação, como afirmava Inácia e era muito bem conduzida pelas freiras. Além do destaque para a eficiência da direção e do ensino, percebemos a empolgação de Inácia ao lembrar do fardamento que utilizava e indagamos se a experiência na Escola Normal foi então a sua primeira vez ao usar um fardamento escolar, ao que ela me informou positivamente.

Foi a primeira vez que usei uniforme escolar, tinha até o sapatinho colegial. Pena que eu não tenho nenhuma foto. Às vezes as irmãs tiravam foto da turma, mas naquela época eu nem me preocupava com a importância de guardar esses registros. E aqui em São João talvez, acho que ninguém tem.

O remetimento a ausência da cultura da preservação foi realizado com muita ênfase, fato que demonstra não só uma atitude pessoal, mas uma atitude coletiva de uma comunidade que ainda não reconhece o valor da história e da memória, muito menos dos objetos e artefatos como materiais e fontes que dizem respeito à vida, a trajetórias, a própria história de uma pessoa, de um grupo, de uma comunidade. Na verdade, somente com as novas abordagens historiográficas e as atuais formas de escrita da história foi que a cultura da preservação e o valor das fontes foi paulatinamente tornando-se objeto de discussão e de reflexão na sociedade, excepcionalmente entre os que circulam pelos níveis de ensino com estudos mais verticalizados. Ainda é fato, nos dias atuais que a grande maioria da população ou desconhece ou ignora o ato de guardar, de preservar.

Após a década de 80, Inácia iniciava nova fase em sua carreira profissional, como ela mesma relata “na década de noventa, fui aprovada no vestibular e entrava para a tão sonhada UFRN – CAMPUS de Caicó, para iniciar meu curso superior”. Agora mãe de dois filhos Inácia conciliava seu trabalho em sala de aula, com as viagens diárias para o Centro de Ensino Superior do Seridó, UFRN – CERES, onde cursou História, tornando-se, portanto, historiadora bacharel e licenciada.

Figura 6. Formatura de Inácia no curso de História, UFRN / CERES.



Fonte: Imagem cedida pela entrevistada.

Antes do vestibular, Inácia passou em concurso público conseguindo ser convocada para cargo efetivo no quadro de professores da rede estadual de ensino, como ela mesma relata.

Esqueci de dizer que antes do vestibular, havia sido aprovada no concurso público, passando a integrar o quadro de professores estaduais. Passei a trabalhar na Escola Estadual Senador José Bernardo. E na década de noventa ao completar meus 30 anos em sala de aula, dava entrada na minha aposentadoria. Ainda hoje sinto saudade do meu convívio em sala de aula. Sou feliz e grata a Deus, por ver minha filha bem próxima de

concluir o doutorado em educação. Agradeço a Deus, por ter me concedido sabedoria e determinação necessária para com seriedade, compromisso e muito amor, desse a minha pequena parcela de colaboração na educação sabugiense.

Ao cumprir com seu tempo de serviço, Inácia relata “Dei entrada na minha aposentadoria no ano de 2011. Demorou para ser publicada, quase dois anos. Fui oficialmente aposentada no início do ano de 2013.”

Considerando o período de 32 anos de docência questionamos se até a aposentadoria Inácia havia lecionado em diferentes turmas e escolas, e perguntamos se poderia descrever quais séries e disciplinas já ministrou aulas ao longo de sua carreira como professora? “Ministrei aulas no ensino infantil em todas as turmas do fundamental menor e fundamental maior. Minha carga horária era bem diversificada, com aulas de História, Português e Ciências.” Por fim, pedimos a entrevistada que falasse um pouco mais sobre o seu período de exercício da profissão docente.

Na Zona Rural foi de 1974 a 1984, 10 anos atuando na Zona Rural 1985, na Padre Joaquim Félix, quase dezoito anos e na Senador José Bernardo 4 anos. No final de 1985 passei em um concurso público do Estado e passei a pertencer à rede estadual de ensino, por que naquela época os Estados tinham uns convênios com as escolas municipais, que cedia professores do Estado, e eu e mais cinco professores ficamos na Padre Joaquim Félix cedidas pelo Estado, que por sinal no final a gente enfrentou um problema seríssimo porque o Governo do Estado não queria mais renovar o contrato, então nós ficamos com um pé no portão do colégio e outro na rua, então na medida que ia surgindo vaga no Santa ou na Senador José Bernardo, então ia levando esses professores pra lá até lotar todo mundo nessas duas escolas do Estado, foi uma situação bem difícil da gente enfrentar.

Enquanto professora concursada, Inácia permaneceu trabalhando na Escola Municipal cedida do Estado por convênio, o que posteriormente causou problemas para ela e outros colegas que se encontravam na mesma situação, correndo risco de perder o cargo, os professores uniram-se para resolver a situação, e logo foram sendo realocados para as duas escolas estaduais da cidade: A Escola Estadual Santa Terezinha e a Escola Estadual Senador José Bernardo, para onde Inácia foi transferida e onde se aposentou por tempo de serviço.

Considerações Finais

Ao analisar os relatos da entrevistada, destacamos alguns elementos principais. A dificuldade vivenciada pelas crianças nos anos 60 para ter acesso à escola. Especialmente àquelas que habitavam a Zona rural e muitas vezes não tinham escolha de estudar, pois a lavoura era o destino de muitas crianças que juntamente com seus irmãos, uniam-se aos pais ainda cedo no trabalho braçal.

Inácia aprendeu a ler com a mãe, mas a própria não estudou muito além. Ao ser alfabetizada não prosseguiu com os estudos. Casou-se e formou família. Mas ao perceber o interesse da filha pelo aprendizado, sempre a apoiou e estimulou, convencendo assim o seu marido de que Inácia deveria prosseguir com os estudos, o lugar da menina não era a lavoura, mas a escola. Esta foi a primeira resistência, enfrentada por Inácia, que dando prosseguimento a seus estudos, participou do curso radiofônico.

Considerando a educação de Inácia, na sua uma linha do tempo, chegamos aos anos 70 e percebemos mais forte a presença de programas do governo de incentivo ao aprendizado.

A presença de cartilhas, ensino pelo rádio, alfabetização de jovens e adultos (MOBRAL), bem como cursos de profissionalização, como o Logos II fizeram a diferença na vida da jovem aprendiz. Sendo o Mobral a sua primeira experiência como professora, embora não tivesse ainda realizado nenhum curso profissionalizante para exercer tal função. Com 17 anos, ao iniciar suas atividades como professora, Inácia ganhava seu primeiro salário, sendo uma jovem mulher, criada em contexto tradicional, mas que muito cedo começou a trilhar o caminho de sua independência, intelectual, profissional e financeira. Ao revisitar as palavras de Inácia ao relatar o seu trajeto pessoal e profissional, compreendo o significado da frase: o conhecimento liberta.

O fascínio desta conquista se fez excepcionalmente por interesse, vontade e desejo de modificar a história familiar no que diz respeito ao trabalho e a aquisição de um trabalho por mérito e por formação, missão a poucos atribuída, pois sabe-se que comumente os membros de uma família, procuram dar prosseguimento ao que fazem os seus pais. O contexto da sua formação de um modo geral foi completamente desfavorável visto que desde a sua passagem pela escola na infância até a sua experiência e formação principalmente nos anos da ditadura militar, foram marcados por cenários escolares áridos e estéreis no que se refere a uma educação libertadora. Pelo contrário, as escolas e seus programas eram guiados por uma pedagogia tecnicista e operacionalizante.

Foi com o salário de professora que Inácia pôde comprar seus livros e continuar estudando, a sua independência financeira, fez seus pais perceberem a sua dedicação e apoiarem cada vez mais o avanço de seus estudos, entendendo que a capacitação era benéfica e necessária para o crescimento profissional de Inácia. Sua irmã Maria seguiu seus passos e também tornou-se professora, assim como uma de suas irmãs mais novas, Francisca, que posteriormente também seguiu os caminhos da docência. A trajetória de Inácia serviu de inspiração para suas irmãs, e para muitas garotas que conviviam com ela na época. O seu exemplo serviu de inspiração na reprodução de modelos e de escolhas profissionais.

Depois de se casar, Inácia nunca abandonou a profissão e foi a segurança profissional que lhe garantiu independência e garantia de sustentação de muitos custos da casa, seus filhos cresceram em um contexto não tão comum para a pequena cidade. A matriarca da família sempre proveu todo o arrimo necessário à educação e sempre manteve a casa. Ela nunca dependeu de figura masculina para prover o básico sustento do lar. A maternidade tampouco a impediu de avançar nos estudos. Com um filho adolescente e uma pequena menina, ela seguiu adiante nos seus estudos e graduou-se no curso de História, passou em concurso público e contribuiu com o aprendizado de diversos sabugienses por mais de 30 anos. Ainda hoje ao sair na rua, muitos são os que cumprimentam a “Tia Inácia” ou “Professora Inácia”. Homens e mulheres, que aprenderam a ler com Inácia e mesmo décadas depois, são gratos por tudo que ela ensinou.

Na cidade, a cultura faz com que os indivíduos tenham agregados a si, referências que os caracterizem e diferenciem dos demais, para que assim todos possam identificar de quem se trata. Assim, ela ficou conhecida como Inácia professora. Por fim, reafirmamos o pensamento inicialmente apresentado de que as trajetórias docentes, as histórias e memórias de vida dos professores têm um lugar importante no seio das pesquisas e contribuem para que, de forma mais detalhada e real, a comunidade se conscientize e se certifique de que por trás de cada profissional há uma história de vida que não se aparta da identidade e do formato de formação do professor. Que cabe a este profissional, formado nos programas e currículos das entidades de formação, o exercício da sala de aula e de todos os ofícios que se referem à educação. Que para ser professor é necessário formar-se professor.

Referências

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. CPDOC – FGV: Rio de Janeiro, 1996.

DANTAS, Eugênia Maria. **José Ezelino**: escritos pela luz. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, s/d. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação, Natal, 2002. Disponível em:

<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0464.pdf>. Acesso em: 04/2020.

ENTREVISTA com a **Professora Inácia Francisca dos Santos** cedida à Isabela Cristina Santos de Moraes no dia 12 de Janeiro de 2020.

MORAIS, Grinaura Medeiros de. **Um abraço de gerações: memórias de professoras primárias no Seridó – uma viagem pelo século XX**. Natal: PPGED/UFRN, 2004. (Tese de Doutorado).

Recebido em 18 de maio de 2020.

Aceito em 19 de maio de 2020.